

Oficina de Fanzines: uma vivência no Curso de Educação Profissional Técnica de nível médio em Enfermagem do IFNMG, Campus Januária

Fanzine Workshop: an experience in the Professional Education Course Mid-Level Technician in Nursing at IFNMG, Campus Januária

¹ Suerdes Rodrigues Viana  

² Marcelo de Miranda Lacerda 

RESUMO

Este artigo propõe dar visibilidade a experiência vivenciada com os discentes do 4º Período do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Enfermagem do Instituto Federal Norte de Minas Gerais (IFNMG), *Campus Januária* a partir de uma oficina de fanzines, cujo objetivo foi analisar o potencial crítico desse recurso comunicativo no enfrentamento das contradições da realidade social. Isso porque o trabalho com fanzines é uma oportunidade de estimular a potência criadora e criativa do sujeito, expressa de forma livre, artesanal e autoral. Desse modo, trazer o Fanzine para o espaço pedagógico da educação profissional e tecnológica é uma possibilidade de dar voz aos jovens da classe trabalhadora, fomentando seu protagonismo na direção da construção da consciência crítica.

Palavras-chave: Formação técnico-profissional. Fanzines. Oficina pedagógica

ABSTRACT

This article proposes to give visibility to the experience lived with the students of the 4th Period of the Technical Professional Education Course of Medium Level in Nursing of the Federal Institute North of Minas Gerais (IFNMG), Campus Januária from a fanzines workshop, whose objective was to analyze the critical potential of this communicative resource in facing the contradictions of social reality. This is because working with fanzines is an opportunity to stimulate the subject's creative and creative power, expressed in a free, artisanal and authorial way. In this way, bringing the Fanzine to the pedagogical space of professional and technological education is a possibility of giving voice to working-class youth, promoting their protagonism towards the construction of critical awareness.

Keywords: *Technical-professional training. fanzines. pedagogical workshop.*

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Especializações Lato Sensu em Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Processo Educativo (UNIMONTES); Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos (UFSM); e Informática da Educação (IFNMG). IFNMG, Campus Montes Claros.

2 Doutor em Educação pela UNISINOS /RS, Mestre em Ciências da Educação: Especialização em Tecnologias Educativas pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro UTAD- Portugal (2012) Revalidado pela FAE- UFMG (2013). IFNMG, Campus Pirapora.

1 INTRODUÇÃO

Produzir fanzine é uma experiência tátil, visual e cenestésica ao mesmo tempo, isso porque envolve uma gama de sentimentos, pensamentos, subjetividades. A escrita de um fanzine é um meio potente de divulgação de ideias, de expressão de opinião, e que surge de uma vontade grande de explorar as muitas possibilidades de fazer arte. A leitura de um fanzine é, muitas vezes, um convite à leitura de um mundo comumente não encontrado nas mídias convencionais. O modo pelo qual se perscruta nessa leitura, as ideias que se derramam em pedaços de papéis xerocados, bem como os espaços que tais mídias percorrem, é de fato uma aposta política na contundência dos fanzines (LIMA; MIRANDA, 2009).

Compreendendo-o como recurso útil à educação, podemos inferir que uma das principais características dos zines é possibilitar o despertar do senso crítico e estético daqueles que o fazem. Isso porque o processo de confecção de fanzines pressupõe habilidade de sobrepor imagens, palavras, que num primeiro momento parecem caóticas, depois se apresentam dotadas de sentido. O autor de zines também experimenta a criticidade a partir da composição de textos imagéticos, literários, científicos, dentre outros estilos, resultantes da problematização da realidade social (RODRIGUES, 2018).

Muito embora os fanzines apresentem versatilidade formal e de conteúdo, que favorecem um processamento criativo e crítico vantajoso aos seus criadores e leitores, ainda são pouco conhecidos por muitos docentes, razão pela qual, buscou-se nessa pesquisa trazer a prática faneditora para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que, por seu caráter de mídia de resistência, dialoga com essa modalidade de ensino, cujo comprometimento com a formação humana integral, implica seguir na direção de superar o ser humano fragmentado historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar.

Nessa direção, o fanzine se configura como um dos caminhos capazes de permitir ao discente compreender o mundo, a partir das contradições e desafios de seu tempo, à medida em que por uma ação criativa, protagoniza sua experiência enquanto sujeito histórico que produz sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso, conhecimentos e cultura (RAMOS, 2014). Assim, a proposta de construção de fanzines afirma a característica de autoria, uma vez que todo o processo é realizado pelo discente, que é, ao mesmo tempo, autor e leitor.

Em se tratando dos processos educativos é importante considerar que a construção do conhecimento se faz no contexto da relação pedagógica e, portanto, acentua-se a importância do trabalho docente numa perspectiva crítica de modo a provocar no discente uma atitude de inquietação diante da realidade concreta a partir do trato com os conteúdos do currículo. Nesse sentido, o uso de estratégias metodológicas diversificadas são recursos potencializadores do interesse e protagonismo discente.

Para tanto, apresenta-se, nesse estudo, o trabalho com fanzines como recurso pedagógico capaz de promover a criatividade crítica do discente, a partir da livre expressão do pensamento que, ao fazer uso de desenhos, colagens, recortes, etc; para expressar, artisticamente sua opinião, torna-se ferramenta potente de reflexão crítica, com a prerrogativa de autoria. Segundo, Neto (2009, p.31) “A experiência da fanzinagem é uma possibilidade excelente para o exercício da criação, da expressão da própria forma de ver o mundo e também para o desenvolvimento da capacidade de autoria”. Assim, [...os fanzines são um lugar de acontecimento e de produção de sentido, como forma de se colocar no mundo e de interpretá-lo (GALVÃO, 2009, p.85).

O trabalho com a produção de fanzine tem expandido de forma acentuada nos últimos anos em função do potencial crítico que o constitui e por ser uma proposta discursiva criativa que, aliada ao desenvolvimento de habilidades artísticas, possibilita a expressão de ideias sobre temáticas sociais e políticas de forma objetiva, crítica e lúdica. Conforme Magalhães (2020), fanzine é toda publicação alternativa e artesanal que traz assuntos pouco abordados pela imprensa comercial, podendo ser encontrado também em formato digital.

Segundo Neto (2009), somos seres imagéticos, construímos nosso mundo objetivo e subjetivo a partir das imagens que produzimos e construímos. Com o avanço da tecnologia a comunicação se intensificou ficando mais célere, o que viabiliza conexões em tempo real, alcançando, de forma massiva, em especial os mais jovens, consumidores em potencial, da comunicação por imagem. O fanzine tem como uma de suas características a comunicação por linguagem verbal e não verbal. No entanto, sendo os fanzines um meio de expressão artesanal, onde seus editores se encarregam de todo o processo de produção e distribuição, poderia se perguntar porque os fanzines, em meio a todo aparato tecnológico existente na sociedade atual? A bem da verdade, não podemos dizer que a tecnologia, de fato, chegou para todos, sobretudo num país de tamanha desigualdade socioeconômica como o nosso. Segundo Ferreira (2012, p.9), “Historicamente, o fanzine é conhecido como a mídia das minorias, o meio de comunicação acessível para os que não se sentem representados por parte das mídias tradicionais e querem reivindicar direitos, falas e realidades apresentadas”.

Nesse sentido, a utilização dos fanzines como recurso pedagógico crítico e de baixo custo, permite um trabalho autoral, cujo protagonismo discente pode constituir em atrativos para que estes se engajem na produção de zines, justificando assim, essa proposta de oficina de fanzines.

A utilização dos fanzines em sala de aula é uma forma de suscitar uma prática comunicacional livre a partir de temas problematizadores. Considerando suas características de simplicidade, acessibilidade e, principalmente, liberdade, o zine mostra-se como um recurso oportuno para as pessoas ou grupos que visam começar ou continuar as transformação em suas comunidades, organizações, escolas, universidades, etc. (FERREIRA, 2012).

Sob essa perspectiva, buscou-se realizar uma Oficina Pedagógica de produção de fanzines com os discentes do 4º Período do Curso Técnico em Enfermagem do Instituto Federal Norte de Minas Gerais (IFNMG), *Campus Januária*, a partir da temática: “Mundo do trabalho e os desafios da profissão do técnico em enfermagem”, cujos diálogos estabelecidos nos encontros, permitiram a reflexão sobre os problemas enfrentados no cotidiano dos profissionais da saúde, em especial do técnico de enfermagem, apontando possibilidades de enfrentamento destes, afirmando assim a relevância desse trabalho para a formação humana integral, característica fundante da Educação Profissional e Tecnológica.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Esta pesquisa foi construída dentro de uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e estudo de caso, tendo como *locus* o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, *Campus Januária* e como população, o universo dos discentes do 4º Período do Curso Técnico de Enfermagem, cujos critérios de inclusão foram: discentes matriculados na instituição no momento em que decorrer a implementação da oficina e consentimento de participação, após esclarecimento dos objetivos da investigação, mediante assinatura do TCLE.

Os dados foram coletados a partir de formulários inicial e final, dos diálogos estabelecidos na oficina e dos fanzines confeccionados, ocorrido no período de 05 de julho a 30 de agosto, a partir da realização dos 5 (cinco) encontros que compuseram a Oficina de Fanzines. Todos os encontros foram audiogravados com a anuência dos participantes, que receberam a letra D (discente) seguido de algarismos romanos para identificação dos 13 (treze) participantes da oficina, no momento de análise e discussão dos dados.

A escolha da oficina pedagógica para esta experiência se justifica por ser um espaço de interações mediadas pelo diálogo reflexivo e fundamentadas nas autoras: Afonso (2002) e Vieira e Volquind (1997).

Para a realização da oficina utilizou-se os seguintes materiais: sala de aula, projetor multimídia, notebook, som, slides, câmara fotográfica, Smartphone para gravação de áudio, caderno de anotações, textos impres-

sos, folhas de papel sulfite (brancas e coloridas), durex colorido, imagens impressas, revistas, panfletos, caneta, giz de cera, pincéis atômicos, tesoura, lápis coloridos, lápis preto, apontador, régua, cola, grampeador.

As informações coletadas via formulários inicial e final, nos diálogos estabelecidos durante a implementação da oficina e nos fanzines produzidos, foram analisadas utilizando o método de análise de conteúdo que pode ser definido como: “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” Berelson (1952, p. 13) *apud* Gil (2008, p.152). Para tanto, foram definidas, a partir da coleta de dados de modo a responder aos objetivos da pesquisa, duas categorias temáticas de análise: Processo de construção de fanzines e seu potencial crítico; Fanzines: comunicação e criatividade.

No que tange aos critérios éticos, a realização da Oficina de Fanzines se deu após a aprovação do Parecer nº 5.106.666 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ocorrido em 16 de Novembro de 2021.

3 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Para esta seção, apresenta-se o esforço interpretativo em analisar as informações obtidas na vivência da Oficina de fanzines reunidas em duas categorias: processo de construção de fanzines e seu potencial crítico e comunicação e criatividade dos fanzines.

Em primeiro momento, é importante situar que os discentes desconheciam o recurso em si, ou seja, o fanzine. Isso se deve ao fato de não ser um recurso expressivo muito difundido nas instituições de ensino de modo geral, tampouco, na educação profissional e tecnológica, em específico. Nesse sentido, era preciso explicar, de maneira detalhada, o que é fanzine para que pudessem compreender o objetivo da oficina de modo a envolverem na sua produção. A estratégia utilizada para essa abordagem conceitual e histórica, foi a confecção de um exemplar³ com a trajetória histórica e conceitual desse recurso, seguido de um vídeo⁴ com o passo a passo da confecção do referido exemplar. Ao entregar o fanzine aos discentes e pedir que lessem as informações, percebeu-se a imersão destes, no universo dos fanzines, à medida que folheavam as páginas com as informações contextuais e históricas.

Ao final da leitura individual, abriu-se a discussão sobre o conteúdo, a forma, a estrutura do fanzine e pode-se notar que conseguiram se apropriar, de forma multissensorial, do conceito de fanzine e de sua trajetória histórica.

Para complementar esse entendimento, na sequência, foi exibido o vídeo que trazia o passo a passo da confecção do exemplar que traziam nas mãos. Somente após a consolidação do que é e como se faz um fanzine é que se propôs a produção de fanzines acerca das temáticas de cada encontro, como materialização imagética dos textos teóricos e dos diálogos sobre os mesmos.

No primeiro encontro e mesmo tendo compreendido conceitualmente e estruturalmente sobre o fanzine, alguns participantes demonstraram pouco interesse na proposta de confecção de fanzines, alegando não terem habilidades artísticas ou criatividade suficiente para tal empreitada, e, por isso, alguns dos primeiros fanzines foram “acanhados” no sentido de poucas informações e/ou ilustrações. Enquanto confeccionavam, dava para perceber certa insegurança com relação ao que e como dispor as informações no papel. Havia uma notável preocupação estética na feitura do fanzine, muito maior que a mensagem veiculada. Isso é muito comum de acontecer pois, num primeiro momento, parece fácil fazer um fanzine. No entanto, quando somos incentivados a fazê-lo, as dúvidas afloram e o sentimento de incapacidade se apresenta (a pesquisadora experimentou essa

3 O exemplar pode ser visualizado no link: https://drive.google.com/file/d/1cj13_RYyDV6_06vh8eWhlxZLIyub7hRO/view?usp=sharing

4 VIANA, Suerdes. O que é fanzine ? Como fazer um ? Nesse vídeo o passo a passo. Postado em 11 de jul. de 2022. Canal Youtube Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KPW3mi61yIQ&t=6s> Acesso em 11 jul. 2022.

sensação ao confeccionar o seu primeiro fanzine). Sobre isso, Nascimento (2010) nos adverte que a escolha das imagens, dos textos, das informações e a adequação aos espaços do fanzine demanda cuidado, atenção e tempo de criação para demonstrar a potencialidade crítica do fanzine enquanto recurso comunicativo. O fanzine não pode ser subestimado, porque para sua criação é necessária a elaboração do pensamento e a transformação em imagens. Não basta entender e comunicar o conteúdo, tem que transformá-lo em textos, imagens, em algo que seja compreensível para o outro e não só para quem o fez. (MOURA, 2007, p.84)

Segue uma amostra dos fanzines confeccionados.

Figura 1 – Primeiros Fanzines



FONTE: Dados da pesquisa (2022)

Nos encontros seguintes, a partir dos diálogos promovidos pelas temáticas propostas e também do conhecimento sobre as potencialidades artísticas dos fanzines, a insegurança em fazê-los foi diminuindo, pois perceberam que o fanzine era um trabalho autoral, livre e sem um padrão estabelecido, oferecendo maior liberdade para sua construção.

A autorialidade é uma questão muito importante no sentido que o indivíduo através da confecção de um fanzine torna-se o autor de sua obra e amplia sua expressão individual, indo no caminho inverso aos padrões criados pela sociedade industrial. Desta forma cada pessoa torna-se autor elaborando sua própria edição utilizando os formatos que julgar necessário e tratar de temas do seu gosto pessoal. (ANDRAUS, *apud* PINTO, 2009, p. 15).

O entendimento sobre autorialidade, característica fundante da prática zínica, permitiu maior liberdade para a criação dos fanzines seguintes, que já demonstravam ousadia e liberdade criativa.

Isso posto e vencido o impasse da preocupação inicial com a estética do fanzine, os discentes se atentaram para a mensagem a ser veiculada, e por isso percebeu-se maior atenção ao texto verbal e não verbal a ser

utilizado no fanzine. Nesse momento, as leituras dos materiais disponibilizados se intensificaram, o critério de escolha das palavras, expressões, imagens a serem utilizados ficaram mais refinados, o envolvimento no processo de produção foi maior e as interações estabelecidas ficaram mais consistentes. Foi quando se percebeu que o tempo destinado aos encontros poderia ser ampliado, uma vez que o cuidado com cada detalhe, desde o recorte, a colagem, o desenho, o texto e o contexto, demandavam escolhas e seleção do material para a composição do fanzine a partir de atitude reflexiva.

Em função dessa especificidade, houve momentos em que alguns participantes tiveram que levar o fanzine para terminar em casa, fato a ser considerado como ponto de reflexão para as próximas atividades. Pensar no tempo destinado à construção de fanzines implica respeitar o processo criativo dos estudantes que são sempre diversos e singulares.

À medida que foram se apropriando da técnica de recortes, colagens e sobreposições, os fanzines foram se “criticizando”, isto é, já dava para perceber uma evolução do pensamento crítico dos discentes no uso das imagens, frases e desenhos, que traziam posicionamentos, opiniões particulares sobre o tema do fanzine. Isso porque “O fanzine é esse artefato em que qualquer pessoa pode publicar suas ideias, suas ideologias, suas crenças, sem precisar passar por uma indústria padronizadora de informação” (BUSANELLO, 2018, p.36), podendo ser conferido na mostra dos fanzines que segue:

Figura 2 – Últimos fanzines



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Nessa direção o conteúdo dos zines produzidos, resultado da leitura do material disponibilizado nos encontros e dos diálogos estabelecidos, evidenciou, especialmente, um consenso entre os discentes no que se refere ao potencial crítico dos fanzines, podendo ser confirmado pelos depoimentos:

DA: Aprendi a ter um olhar crítico, trabalhei a minha criatividade e me interessei sobre assuntos extremamente relevantes.

DB: É prazeroso informar ne(sic) um fanzine só por gravuras ou poucas palavras aquilo que queremos dizer.

DC: Porque abriu a minha mente sobre assuntos que são de extrema necessidade que eu saiba, mas que eu não dava tanta importância.

Segundo Busanello (2018), a liberdade de expressão possibilitada em um fanzine subverte também a passividade do leitor que vive em uma sociedade na qual as opiniões são moldadas sob a conveniência dos fatos, e o fanzine é uma das armas que podem ser usadas como situações autônomas na defesa da não mercantilização da vida de modo geral. Sob esse ponto de vista, tanto o autor quanto o leitor de fanzines, subvertem ao pré-estabelecido e se afirmam enquanto sujeitos pensantes.

Entretanto, segundo Maranhão (2012), a ação “subversiva”, presente na prática zínica, está atrelada muito mais à experiência de autoria, cuja liberdade de expressão não passa pela autorização de nenhum sistema editor, nem visa lucros financeiros, do que, necessariamente, à mensagem que o compõe. Isso nos permite compreender que o fanzine, mesmo destituído de mensagem crítica, ainda assim é considerado um recurso potente de criticidade em função da experiência de autoria. Sob essa perspectiva corrobora as falas dos discentes:

DI: Chama mais atenção as gravuras nele colados, fica mais leve o modo de entender.

DII: É fácil de fazer e com ótimas ideias, e chama muito a atenção das pessoas, em fotos, gravuras.

DIII: Porque abriu a minha mente sobre assuntos que são de extrema necessidade que eu saiba, mas que eu não dava tanta importância”.

Consoante a isso, a experiência de autoria na construção de fanzines reforça o protagonismo discente, a partir da liberdade do próprio pensamento gerando um ambiente propício a expressões culturais e ideológicas variadas, tanto na estrutura quanto na linguagem, pois a arte fanzínica é provocadora e irreverente. Nela vale tudo: colagem, desenho, fotografia, ilustrações manual ou digital (ALMEIDA, 2011). Esse prazer em produzir seu próprio material foi bastante evidenciado junto aos discentes durante todos os encontros. As interações estabelecidas, as trocas de fazeres e saberes somaram ao processo de confecção, fortalecendo vínculos e estabelecendo parcerias, fazendo dessa experiência uma ação motivadora e envolvente, desde a fase de planejamento até a distribuição dos fanzines entre os estudantes dos cursos técnicos. Isso porque, quem confecciona um fanzine demonstra atitude provocativa e por isso,

[... tem prazer em publicar seus desenhos, seus textos e suas ilustrações; desta forma ele dá vida a sua imaginação, a sua criatividade e, principalmente, ao seu universo particular: fanzine é um espaço único de divulgação, de comunicação, de posicionamento e de compartilhamento. (ALMEIDA, 2011, p.4)

Nascimento (2010), pontua que o fanzine é um importante recurso para o exercício da cidadania, da criatividade e criticidade e por ser de fácil produção e utilizar material de baixo custo, torna-se acessível aos espaços institucionais educativos.

Segundo Campos (2009, p. 3-4), “A produção do fanzine é uma atividade que pode desencadear várias formas de interação, possibilitando aos alunos, a partir da escrita e do professor, interagir de diferentes lugares sociais; posições sociais; sob diferentes lugares e momentos de produção” Nesse contexto, os zines apresentam-se como potentes recursos expressivos que defendem visões de mundo não expressas ou já expressas, mas excluídas do discurso oficial da mídia comercial, sendo, portanto, de importância inegável na sala de aula. Como afirma Nascimento (2010, p. 125), *apud* Pinto (2009, p. 15). “A prática *zinesca* veicula formas de aprender, construindo e reconstruindo saberes que potencializem o poder de intervir como sujeitos pensantes no meio sociocultural”.

Frente a essa especificidade dos fanzines, pôde-se perceber que o potencial crítico desse recurso pedagógico foi evidenciado, junto aos discentes, durante todo o processo de diálogo dos temas dos encontros, bem como pela escolha das imagens, frases, símbolos, textos que compuseram os fanzines confeccionados pelos discentes.

No que se refere às mensagens veiculadas nos fanzines confeccionados pelos discentes, percebeu-se um viés crítico no posicionamento das imagens, no destaque da escrita em certas expressões, nas cores utilizadas, enfim, em toda estrutura dos fanzines produzidos ao longo dos cinco encontros.

No que tange a comunicação e criatividade dos fanzines, convém destacar que a arte de confeccionar um *fanzine* pressupõe apropriar-se de diferentes manifestações artísticas onde a criatividade se faz presente em todas as etapas. Segundo Busanello (2018), a colagem é uma das técnicas centrais dos fanzines, e, por isso, foi uma estratégia bastante usada pelos discentes na confecção dos fanzines.

Antes mesmo de iniciar a oficina percebeu-se a preocupação dos discentes quanto à sua capacidade criativa, pois muitos disseram que não sabiam se daria certo por não possuírem habilidades artísticas e/ou por considerarem pouco criativas. Isso ficou evidenciado no formulário diagnóstico aplicado inicialmente e era constantemente lembrado nos encontros, por parte de alguns participantes. No entanto, à medida em que foram praticando, ou seja, foram experimentando o fazer zínico, perceberam que os fanzines apresentavam infinitas possibilidades de criar, de reinventar, e com isso experimentaram o processo criativo numa perspectiva crescente, percebendo que todos podemos criar fanzines, e que o importante no início não é se preocupar tanto com a arte final, pois esse refinamento virá com a prática, o principal é aproveitar o processo de construção.

Tal experiência possibilitou depoimentos como o do (DIX) quando diz “Gostei bastante, foi algo novo e de grande importância, além de despertar a minha criatividade, trouxe ensinamentos, foi uma ótima experiência”.

Outra questão evidenciada pelos discentes diz respeito ao papel das imagens e sobreposições na feitura de um fanzine. Para o (DII) “Chama mais atenção as gravuras nele colados, fica mais leve o modo de entender”, o que outro afirma que “Conhecimento nunca é demais, e poder levar esse conhecimento de forma criativa para outras pessoas é muito interessante” (DIII).

A partir da vivência nos encontros com os discentes, percebeu-se que o processo criativo é legitimador da prática zínica e que todos conseguem se expressar ludicamente ainda que tenham poucas habilidades artísticas, pois a imersão no universo dos zines seduz e promove a criatividade, desmistificando a ideia de que fazer arte é atributo para poucos. Isso porque a liberdade de criar permite originalidade e artesanaria, sem regras ou estética padronizada -subversão dos fanzines - sendo o fanzine por si só uma forma de expressão artística. Essa percepção foi sendo, paulatinamente consolidada, junto aos participantes a cada encontro, cuja proposta de liberdade criativa foi demonstrada nos fanzines por eles confeccionados. No depoimento do (DA) fica claro o prazer dessa imersão quando afirma que a experiência foi “muito inspiradora e relaxante, além de ajudar a ser mais criativa e objetiva”, o (DC) completa: “Após a confecção percebi que posso ser muito criativa e passei a ser mais crítica sobre as coisas”.

Ao analisar tais depoimentos e os fanzines confeccionados pelos discentes, pode-se depreender que a arte em fanzines é também uma possibilidade de inclusão dos estudantes nas vivências artísticas e lúdicas, o que favorece a participação e engajamento de todos numa atividade prazerosa e criativa, o que pode ser conferido

na fala do (DE): “É algo que desperta a distração, lazer e ao mesmo tempo traz ensinamentos”, outra discente disse que produzir fanzine contribuiu para “ser mais criativa e fixar os conteúdos na mente”(DF), enquanto outro pontua que “Traz leveza a quem pratica, dando a pessoa a oportunidade de deixar um pouquinho de seus sentimentos naquele papel”.

Alguns depoimentos apontaram para uma outra dimensão importante dos fanzines como recurso comunicativo: a objetividade da linguagem, conforme relatos abaixo:

DA: Gera conhecimento simplesmente pela visão, que não foi expressa por palavras e sim através de ilustrações.

DB: O conhecimento entre um assunto e outro abordado, trazendo com leveza e conhecimento cada fanzine desenvolvido.

DC: Conhecimento lúdico e criativo.

Quando se analisa a fala de que o fanzine gera conhecimento por meio de ilustrações (DA), descortina-se outra reflexão sobre a área de Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa), prevista na BNCC (2018, p.63) ao propor que “as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital”. A comunicação por imagem tem sido largamente difundida pela tecnologia e mídias sociais, alcançando de forma massiva aos jovens. Logo, a escola precisa envolver os estudantes em práticas de linguagem variadas, de modo a oportunizar a compreensão das funcionalidades da linguagem e ampliar seu repertório e seu desempenho na vida social. Nesse aspecto o trabalho com fanzines atende a um dos propósitos comunicativos propostos pela BNCC, uma vez que o uso de imagens, ilustrações, símbolos utilizados no processo de autoria e também de leitura dos zines encontram-se em consonância com as linguagens contemporâneas que incluem os gêneros multissemióticos e multimidiáticos como possibilidades discursivas.

Convém destacar que a objetividade comunicativa dos zines, foi um ponto alto para despertar o interesse dos discentes na feitura destes. Por vários momentos essa especificidade do fanzine era lembrada nas interações entre os pares, comparando o estilo fanzine, aos variados *memes*⁵ espalhados pelas redes sociais.

Considera-se essa percepção como ponto convergente ao propósito comunicativo do fanzine que, ao expressar opiniões de forma objetiva e livre, oportuniza ao leitor perceber as entrelinhas da mensagem, o que demonstra capacidade inferencial do autor e do leitor.

Para Marcuschi, (1996, p.79.), “As inferências baseiam-se em informações textuais explícitas e implícitas, bem como em informações postas pelo leitor. Na atividade inferencial, costumamos acrescentar ou eliminar, generalizar ou reordenar, substituir ou extrapolar informações”, o que nos permite compreender que inferências são ações cognitivas que o leitor/autor realiza a partir de conhecimentos prévios para compreender as novas informações. Tendo em vista essa concepção, o fanzine enquanto mídia alternativa, mostra-se como um recurso comunicativo que permite desenvolver a capacidade inferencial tanto do autor quanto do leitor, atribuindo mais uma contribuição dos zines para o processo ensino-aprendizagem.

Considerando as análises acima e as discussões oriundas destas, emerge uma importante reflexão acerca da implementação de oficinas de fanzines em espaços educativos, que por sua natureza pedagógica, recai a responsabilidade de formação integral do indivíduo, tendo na figura docente seu principal expoente. Nesse linha de raciocínio, o trabalho com fanzines só resultará em contribuição para uma aprendizagem crítica e emancipadora, se a concepção de educação do docente for fundamentada numa visão crítica e contra hegemônica, caso contrá-

5 Uso de texto, imagens ou vídeos para transferir uma mensagem, geralmente de modo irônico.

rio, o processo de construção de fanzines não passará de atividade lúdica e divertida, e mesmo dentro das escolas continuará à margem do seu real valor enquanto expressão crítica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência da implementação de práticas zínicas dentro das instituições educacionais pode ser explicada pela característica de revista “marginal”, atribuída aos fanzines, que sempre esteve à margem das publicações oficiais, porém, sempre presente entre as pessoas de modo informal desde 1930, possibilitando dar voz e vez aqueles que não tinham espaço nas mídias oficiais. Isso posto, destaca-se que a feitura de fanzines sempre foi motivada por um desejo de se posicionar, de protestar, de expressar de forma livre e independente sobre quaisquer assuntos.

Com base nos resultados empíricos e no diálogo com a teoria que sustenta esse estudo, chegou-se aos seguintes marcos conclusivos:

1. Que o processo de construção de fanzines estimula a criatividade, uma vez que desmistifica a atividade artística, circunscrita dentro de um padrão pré-estabelecido pelo entendimento do que seja Arte (com A maiúsculo), isso ocorre a partir do caráter autoral na produção, que implica liberdade do pensamento e possibilita uma estética diversificada.
2. Que o processo de construção de fanzines não é tão fácil como se pensava inicialmente, pois demanda tempo e reflexão sobre como e o quê colocar no papel, isso porque para a escolha das imagens, textos e informações, é necessário critérios específicos para que o fanzine possa demonstrar sua potencialidade crítica.
3. Que o fanzine em si já é um recurso crítico por não obedecer a um padrão estético determinado, e essa liberdade de expressão subverte também a passividade do leitor que vive em uma sociedade na qual as opiniões são moldadas sob a conveniência dos fatos sendo o fanzine uma “arma” de divulgação de ideias que questionam o sistema e o modelo neoliberal vigente.
4. Que para realizar oficinas de fanzines é necessário pesquisa, leituras e diálogos, para que o discente tenha o que dizer e isso requer planejamento e organização e que o papel do docente/ mediador nesse trabalho, mesmo não possuindo o poder de transformação, é fundamental como orientador e incentivador da autonomia e do protagonismo discente.
5. Que o fanzine é um recurso que pode se tornar uma ferramenta de transformação dentro da educação se for trabalhado com uma intencionalidade e dentro de um modelo contra hegemônico, pautado numa concepção crítica de educação.
6. Que as interações estabelecidas numa oficina de fanzines a partir de um trabalho coletivo, possibilita a participação de todos, enriquecendo os saberes e fazeres de cada um, aproximando e colaborando no estabelecimento de vínculos.
7. Por fim, que a experiência na construção de um fanzine, por parte dos discentes, estabelece um vínculo maior com o conteúdo que está sendo estudado, permitindo a compreensão e consolidando a aprendizagem, conferindo portanto, *status* de recurso pedagógico potente no processo ensino-aprendizagem em qualquer modalidade ou etapa de ensino.

As conclusões aqui descritas não têm pretensão de encerrar essa temática, ao contrário, espera-se que tais resultados possam ser debatidos e aprofundados no contexto da educação profissional e tecnológica, para que a

utilização dos fanzines como recurso pedagógico, possa configurar estratégia de ensino constante do interior das práticas pedagógicas dos cursos oferecidos pelos Institutos Federais de Educação.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. (org.) Belo Horizonte: Edições do Campo Social., 2002. 151p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BUSANELLO, William de Lima. Fanzine como obra de arte: da subversão ao caos. **Série Quiosque**, 2018.

CAMPOS, Fernanda R, **Fanzine: da publicação independente à sala de aula** 2016, CEFET – MG, Belo Horizonte, 2009.

CARDOSO, Renata Chaves et al.. **As oficinas educativas enquanto metodologia educacional**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35945>>. Acesso em: jul.2022

CHAGAS, Isabel; RODRIGUES, Bernardete Biasi. O fanzine: um gênero textual marginal. 2006.

FERREIRA, Jeanne Gomes. **A utilização do fanzine no processo de comunicação participativa**. In: Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste-Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES E. **Fanzine**. João Pessoa: Marca da Fantasia. Série Quiosque, n. 2 4a edição - 2020.

LIMA, Rita de Cássia Duarte et al. Significando os sentidos da vida na formação dos profissionais de saúde: com a palavra os estudantes. *Cogitare Enfermagem*, v. 16, n. 1, p. 167-170, 2011.

LIMA, Rita de Cássia Duarte. O processo de cuidar na enfermagem: mudanças e tendências no mundo do trabalho. *Cogitare Enferm*. 2005;10(1):63-7.

MARANHÃO, Renata Queiroz. **Fanzines nas escolas: um convite à experimentação**. 1 ed. Fortaleza: Editora UECE, 2012. 111 p.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004. 84p. 12x18cm. ISBN 85-87018-39-6

_____, Henrique **A mutação radical dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2016.

_____, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FREIRE, Neyson Pinheiro. Pandemia exacerbada desigualdades na Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3555-3556, set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3dIgSXX>. Acesso em: 15 out. 2020.

MOURA, Mariana do Vale et al. Hoje é dia de fanzine: olhares para a educomunicação, formação docente e cidadania. 2017.

MORAES, Ana Cristina; MOURA, Andrea Sales Braga. Possibilidades estético-pedagógicas por meio do Fanzine e do Cordel. **Dialogia**, n. 31, p. 197-206, 2019.

MUNIZ, Cellina. (org.). Fanzines: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

NASCIMENTO, Ioneide Santos. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: Muniz, Celina (Org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Ed. UFC, 2010. p. 121- 133.

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. Fanzines: reflexões acerca do uso de mídia independente na perspectiva de potencialização de ideias. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 3, p. 605-613, 2010. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77196> > Acesso em: 31 ago. 2022.

PINTO, Renato Donisete. Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020, Série Quiosque, 29 - 2ª. ed. Disponível em:

<<https://www.marcadefantasia.com/livros/quiosque/fanzinenaeducacao/fanzinenaeducacao2ed.pdf>. pdf.> Acesso em jul. 2021.

RODRIGUES, Jéssyka Melgaço. Faneção nas aulas de biologia: contribuições para o ensino e para a formação do professor artista-reflexivo. 2018.

SANTOS, Clézio dos. **Os fanzines como Recurso Didático no Contexto Universitário da Baixada Fluminense: Narrativas e Representações dos Bairros**. In: **Quadrinhos e Educação: Fanzines, espaços e usos pedagógicos**. MODENESI, Thiago V., Braga Junior, A. X. (org.s) Jaboatão dos Guararapes: SOCEC, 2016. 11-25p. v. 3.

VIANA, Suerdes. O que é fanzine ? Como fazer um ? Nesse vídeo o passo a passo. Postado em 11 de jul. de 2022. Canal Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KPW3mi61yIQ&t=6s> Acesso em 11 jul. 2022.

VIEIRA, E., & VOLQUIND, L. Oficinas de ensino. O que? Por quê? Como? Porto – 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.